CORREIO BRAZILIENSE
BRASÍLIA, SEXTA-FEIRA, 31 DE MARÇO DE 2006
Editor: Raul Pilati // raul.pilati@correioweb.com.br
Coordenador: Carlos Alberto Jr.
e-mail: carlos.junior@correioweb.com.br
Subeditores: Maísa Moura e Sandro Silveira
tel. 3214-1148
e-mail: negocios@correioweb.com.br

BOLSAS
Na quinta (em %)
+0,76 São Paulo
-0,58 Nova York

BOVESPA
Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)
37.577 — 37.776
24/03 27/03 28/03 29/03 30/03

A-BOND
Título da dívida externa brasileira, na quinta
US$ 1,0875
(▲ 0,05%)

DÓLAR
Quinta-feira (em R$)
2,188
(▼ 1,17%)

Últimas cotações (em R$)	
23/março	2,16
24/março	2,15
27/março	2,17
28/março	2,20
29/março	2,21

EURO
Turismo, venda (em R$) na quinta
2,720
(▼ 0,04%)

OURO
Na BM&F, o grama (em R$)
R$ 41,500
(▲ 1,47%)

CDB
Prefixado, 33 dias (em % ao ano)
16,15

INFLAÇÃO

IPCA do IBGE (em %)	
Outubro/2005	0,75
Novembro/2005	0,55
Dezembro/2005	0,36
Janeiro/2006	0,59
Fevereiro/2006	0,41

PRODUÇÃO

Economia Brasil

Desvalorização do dólar levou Brasil a dar um salto de quatro posições no ranking das economias mais fortes

O 1º da América Latina

VICENTE NUNES
E EDNA SIMÃO
DA EQUIPE DO CORREIO

Apesar do pífio crescimento de 2,3% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2005, o Brasil deu um salto substancial no ranking das maiores economias do mundo. O país passou da 15ª para a 11ª posição, ultrapassando Holanda, Austrália, Índia e México, assumindo novamente o posto de maior economia da América Latina. O fator decisivo para esse resultado foi a valorização de 13,74% do real frente ao dólar. O cálculo foi feito pela Consultoria Austin Asis, com base no PIB de R$ 1,937 trilhão (US$ 795 bilhões) divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ao tomar conhecimento do avanço da economia brasileira em dólares, o presidente Lula vibrou, sobretudo porque os números lhe serão de grande utilidade na disputa para se manter por mais quatro anos no Palácio do Planalto.

O salto do Brasil entre as maiores economias do mundo também teve sabor especial para o Banco Central. "É um indicador muito importante", disse o diretor de Política Econômica do BC, Afonso Bevilaqua, que, nos últimos meses, foi bombardeado de críticas por estimular o conservadorismo da política de juros, um inibidor para o crescimento. Ele afirmou que o fato de a subida do Brasil no ranking das maiores economias ter ocorrido principalmente por causa do dólar fraco não tira o mérito do resultado. "Temos de fazer uma comparação com o passado, quando a valorização do dólar fez o país perder muitas posições no ranking", frisou. Em 2002, ano em que a moeda americana chegou a beirar os R$ 4, devido ao temor dos investidores da chegada do PT ao governo, o Brasil caiu para a 16ª colocação.

"Crescimento econômico é bem-estar para a população", assinalou Bevilaqua. A seu ver, o Brasil continuará avançando de forma sustentada, com criação de emprego e recomposição da renda. A previsão do BC (***leia matéria ao lado***) é de que o PIB cresça 4% em 2006. A se confirmar tal resultado e supondo que não haverá nenhuma grande arrancada do dólar, a economia brasileira terá todas as chances de disputar o 10º lugar do ranking com a Coréia. Para Tatiana Pinheiro, economista do Banco Real ABN Amro, é bastante factível que o Brasil avance 4% neste ano. Mas ela ressaltou que o desempenho do PIB brasileiro ainda está longe de ser motivo de comemoração. "No ano passado, tirando os efeitos da queda do dólar, o crescimento do país ficou muito aquém da média mundial, de 4,3%, e da média dos países emergentes, de quase 6%", destacou.

Renda

Pelas contas do IBGE, a maior parcela do aumento do PIB decorreu do consumo das famílias. Em 2005, os brasileiros movimentaram R$ 1,075 trilhão, 10,3% a mais do que no ano anterior, sem descontar a inflação do período. A população, segundo o economista-chefe do Banco Santander, André Loes, foi beneficiada pela expansão da massa salarial e pela maior oferta de crédito. A renda per capita (por habitante) do brasileiro, conforme o IBGE, registrou crescimento real de 0,8%, atingindo R$ 10.520. Com isso, o Brasil passou da 76ª para a 72ª posição no ranking mundial de renda per capita.

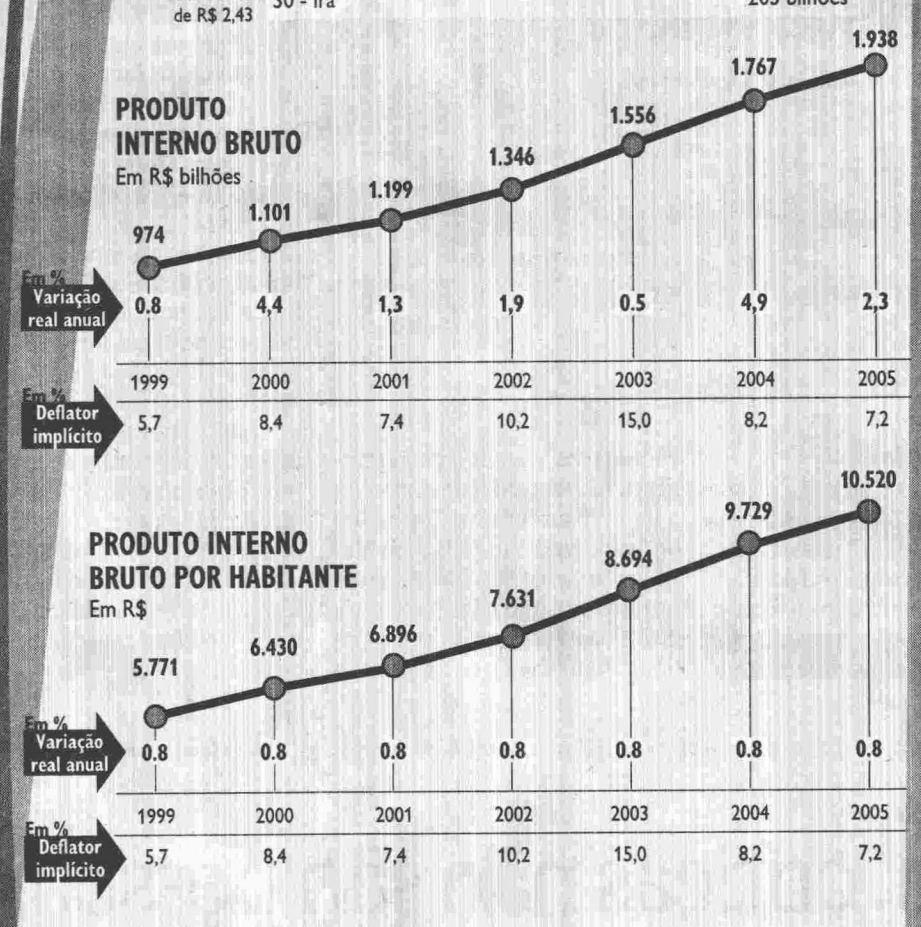
Os brasileiros, no entanto, não escaparam da gula do governo. Somente em impostos sobre produtos, deixaram R$ 209 bilhões nos cofres da Receita Federal. Sem esses impostos, o PIB total do país teria ficado em R$ 1,728 trilhão. Já os investimentos produtivos, fundamentais para sustentar o crescimento econômico, totalizaram R$ 386 bilhões, representando 19,9% do PIB, o maior patamar desde 1995. "São os investimentos que permitem ao país crescer sem pressionar a inflação", explicou Tatiana Pinheiro, do ABN Amro. Para que o Brasil possa, no entanto, expandir-se a taxas médias de 5% ao ano, será preciso que a taxa de investimento chegue a 25% do PIB, o que só será possível com a queda mais acentuada das taxas de juros.

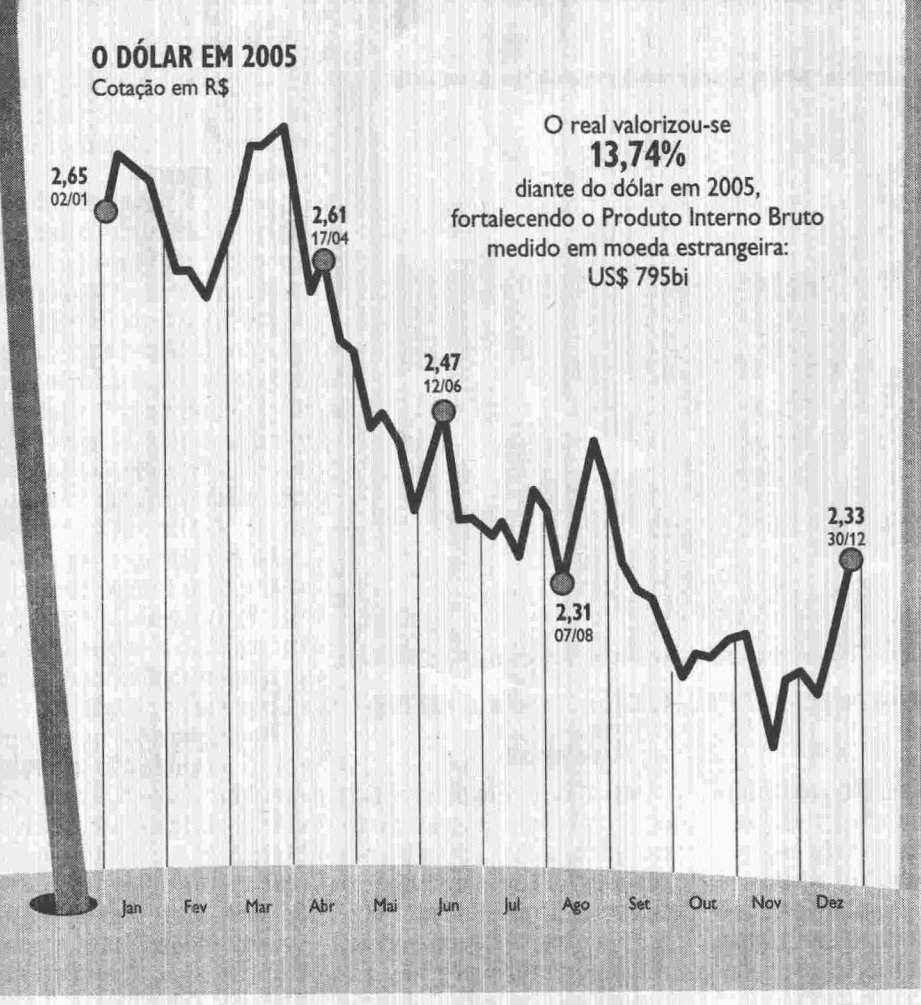
Dos três setores que sustentaram a oferta da economia, somente a agropecuária registrou retração em 2005 quando comparada ao ano anterior: R$ 145,8 bilhões ante R$ 159,6 bilhões. A indústria, por sua vez, gerou R$ 690,6 bilhões em riquezas e o setor de serviços, R$ 985,3 bilhões. O IBGE chamou ainda a atenção para o encolhimento da taxa de poupança, de 23,2% para 22,2% do PIB. Essa redução decorreu da maior disposição das famílias para consumir. A poupança, nos cálculos do IBGE, é o que resta para investimentos depois do pagamento de todas as despesas.

O RANKING*
O PIB de cada um
Em US$

1 - Estados Unidos	12,452 trilhões
2 - Japão	4,672 trilhões
3- Alemanha	2,799 trilhões
4 - Reino Unido	2,196 trilhões
5 - França	2,113 trilhões
6 - China	1,909 trilhão
7 - Itália	1,718 trilhão
8 - Espanha	1,124 trilhão
9 - Canadá	1,106 trilhão
10 - Coréia	799 bilhões
11 - Brasil	795 bilhões
12 - Rússia	772 bilhões
13 - México	758 bilhões
14 - Índia	746 bilhões
15 - Austrália	683 bilhões
16 - Holanda	622 bilhões
17 - Bélgica	365 bilhões
18 - Suíça	364 bilhões
19 - Suécia	354 bilhões
20- Turquia	353 bilhões
21 - Taiwan	330 bilhões
22 - Arábia Saudita	314 bilhões
23 - Áustria	306 bilhões
24 - Noruega	294 bilhões
25 - Polônia	285 bilhões
26 - Indonésia	270 bilhões
27 - Dinamarca	252 bilhões
28 - África do Sul	234 bilhões
29 - Grécia	219 bilhões
30 - Irã	203 bilhões

* O ranking tem 155 países. Na definição do PIB brasileiro considerou-se dólar médio de R$ 2,43





CARGA RECORDE

A carga tributária brasileira chegou a 37,82% do PIB em 2005, contra 36,8% no ano anterior – um novo recorde histórico. Isso significa que de cada R$ 100 gerados pela economia no ano passado quase R$ 38 foram para pagamento de impostos, taxas e contribuições. Segundo estudo do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT), dentre 25 países o contribuinte brasileiro só paga mais impostos que os suecos, noruegueses, franceses e italianos. A diferença é que nesses países o dinheiro do imposto é revertido em serviços para o contribuinte.

Arte: Amaro Junior/CB